

ESCRavidÃO E RELIGIÃO EM *ECONOMIA CRISTÃ DOS SENHORES NO GOVERNO DOS ESCRAVOS*

Sérgio Augusto Martins Mascarenhas¹; Fábio Duarte Joly²

¹ Estudante de Graduação do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Bolsista PROPAAE.

² Professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Orientador.

O presente trabalho tratou do conceito de escravidão na obra do jesuíta Jorge Benci, *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*, publicada no início do século XVIII. Benci entrou para a Companhia de Jesus em Bolonha com quinze anos, em 1665. Veio para o Brasil em 1681, com 31 anos. Foi pregador e procurador do colégio da Bahia; professor de humanidades e teologia. O autor está imerso nos preceitos bíblicos da Igreja católica, os quais permeiam a legitimação da escravidão e sua aceitação na sociedade da época. Direcionado, sobretudo, para as elites coloniais, a obra legitima a escravidão e tenta instruir os senhores para uma determinada forma de tratamento dos escravos a fim de impedir revoltas. As menções à escravidão greco-romana foram objeto particular de análise, pois indicam uma determinada visão da escravidão colonial. Em sua *Economia Cristã*, Benci serve-se de textos gregos, latinos e bíblicos para legitimar a escravidão por meio de um discurso baseado num ideal patriarcalista que ressaltava as relações recíprocas entre senhores e escravos. A fórmula benciana *Panis, et disciplina, et opus servo* (pão, disciplina, e trabalho ao servo) sobressai como uma solução tangencial que não confronta com o principal interesse da época, manter *status* e poder, enriquecendo cada vez mais com o trabalho escravo uma pequena camada dominante.

Palavras chave: Antigüidade Clássica, religião, escravidão